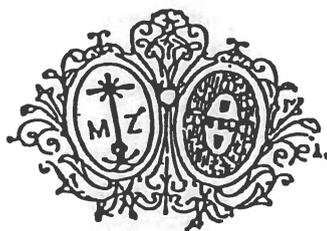


**BOLETIM**

**INFORMATIVO**

da

**MISERICORDIA do SARDOAL**



Irmandade  
DA  
Santa Casa da Misericórdia  
DE  
SARDOAL



Publicação bimestral

## A PALAVRA DO PROVEDOR

Honestamente é mister que se diga, desde já, nunca havermos pensado que se tornaria ingente voltar a conduzir, de novo, os destinos da Santa Casa, pois seria de supor que outras soluções se posicionassem e mãos diferentes viessem a tomar a seu cuidado a orientação desta grande Casa.

A rotatividade, também em cargos desta natureza, deve ser uma solução encarada como normal e legítima, visto que cada novo elenco pode trazer sempre ideias e soluções diferentes, outros modos de gestão e de enquadramento administrativo. E, por outro lado, uma mesma equipa (como a que vem estando em exercício, nomeadamente) carece em absoluto de certo tempo para recuperação, depois de tantos anos seguidos, em trabalho insano e dedicado, sem hiatos nem interrupções.

Um elementar princípio de caridade deveria estar presente, também, em tantos outros -mas que, infelizmente, não querem abdicar do seu comodismo pessoal e não olham para o Bem que poderiam fazer aos que precisam, com a cedência de um pouco da sua boa vontade, dispensando a coadjuvação prestimosa do seu altruismo.

Desafortunadamente, porém, e no pressuposto de que nenhuma outra alternativa se via lumbrava no horizonte, os Corpos Sociais em exercício viram-se compelidos a terem de avançar, uma vez mais, para se não cair na situação anómala de não vir a ser apresentada nenhuma lista ao acto eleitoral. E pôde ver-se então concretamente que assim teria acontecido, para triste testemunho público do que é o Sardoal de agora -ou, mais expressivamente, muitas das pessoas que formam a sua população.

É certo que todos se ufanam da Santa Casa e dela se vangloriam pela sua tão larga acção social. Mas, na hora de trabalharem directamente, em prol da Instituição, de a ela serem úteis e prestantes, deixam estiolar completamente o ardor que apregoavam, retraem-se na doação de serem úteis e participativos e não dão nem mais um passo. Ficam bloqueados e inertes!

Haviam falado, falado: -idealizavam, mesmo, novas soluções, gizavam planos e directivas, apontavam caminhos de desenvolvimento, teorizavam novos planos de gestão, etc. etc.

Porém, chegados a altura de darem, então, um contributo concreto e decidido, numa tarefa que tão útil poderia ser para o Bem do Próximo necessitado ou carecido, encolheram-se, resolverem não dar sinal de vida. Entenderam que esse seu esforço, porque haveria de ser absolutamente gracioso e sem paga ou remuneração material, lhes não interessava... "Os outros que trabalhassem se quisessem"!

A partir destes condicionalismos tão limitativos, entendeu-se em consciência que deveríamos recandidatar-nos de novo -apenas com algumas pequenas alterações de pormenor, ditas por contratemplos de vida pessoal, que não era possível ultrapassar, de momento.

A todos os Irmãos, em geral, as nossas melhores saudações e o pedido sincero e veemente de que nos continuem a trazer toda a sua boa ajuda e apoio. E, complementarmente, ainda, os alvites e sugestões que entendam -os quais receberão sempre da nossa parte o melhor acolhimento e aceitação.

O PROVEDOR  
Anacleto Batista

## ...que não se repita!

*O homem, lobo do homem!*  
A ausência do espírito da caridade e o desprezo dos direitos alheios por falta dum moral séria, com princípios, leis e sanções, deixaram o campo livre ao degladiar das paixões e dos baixos interesses. Entre as causas que mais ferozes ódios acenderam e mais fundos abismos cavaram entre os homens, conta-se na primeira linha, a política no sentido popular e estrugado do termo. Um século de política desenfreada deixou no país, nos seus concelhos, nas suas aldeias mais setanejas vestígios curiosos das rivalidades e lutas que dividiram os filhos dum mesma terra, os membros até dum mesma família e os faziam considerar-se inimigos para a vida e para a morte. A separação e o ódio entre os filiados em partidos opostos, entre os apuniguados dos diversos caciques, não se manifestava em procurarem diversos cafés ou diversas boticas para centros de convívio ou de reunião, nem só nas pelepas bravas da caça ao voto, ou no medir das forças à volta da urna. Toda a vida dos contendores havia de parecer-se com uma batalha sem tréguas. Os casos em que a amizade conseguia alçar-se sobre interesses mesquinhos da política, eram raros e apontados a dedo como casos esporádicos. Mas o mais curioso que conheço relativo aos ódios políticos que estragaram um século da nossa vida social, encontrei-o há pouco numa aldeia minhola, mesmo encostada às terras despejas de Barroso.

Duma eminência fronteira, apontavam-me a freguesia, os lugares perdidos pela heresia; ao meio, a igreja, por cima, um cemitério, por baixo outro cemitério, ambos a considerável distância.

Sabe para que são aqueles dois cemitérios?

Perante a minha ignorância, explicaram. Davam-se tão mal os progressistas e os regeneradores da terra, que até na morte se queriam separados. O cemitério de cima era para os regeneradores, o de baixo para os progressistas.

Não sei se o caso é único no país. Mas é curioso e símbolo bem expressivo dum século nefasto de lutas inglórias entre irmãos. Inimigos na vida, separados ainda para além da morte!

(... excertos de um artigo do falecido Mons. Moreira das Neves, numa folha católica do Norte)

Nunca chegaremos  
a amar o suficiente  
os nossos semelhantes.

## Uma oferta real adequada ...



E da tradição geral, nas nossas gentes, que em tempos mais antigos, nomeadamente nos fins da primeira e durante quase toda a dinastia, a zona de Sardeal era visitada frequentemente pelos monarcas e altos dignitários da Corte. Para isso concorria, certamente, a amenidade do clima, dado que a Vila vem beneficiando desde sempre de um micro-clima específico, seco e temperado e sem grandes variações atmosféricas, com ventos suaves e nevceiros raros e pouco densos, mesmo nos invernos frios e húmidos.

Por frequentes vezes, os Reis saíam da capital e estanciavam durante épocas, maiores ou menores, conforme os casos, em diversas terras da Província. As razões e motivos eram de diversa índole e natureza, mas sabe-se que, em muitos casos, quando se notavam pestes ou doenças de carácter endémico e transmissível, na zona de Lisboa, Rei e Corte procuravam, logo, zonas da Província mais sadias e de bons ares.

Daí, por exemplo, que muita vez tivessem escolhido a zona de Abrantes, onde faziam longas estadias e bem natural seria, assim, que estivessem em Sardeal e se inteirassem, naturalmente, do meio-ambiente de toda esta área e do seu desenvolvimento.

Um desses monarcas foi D. João III, que elevou o Sardeal a Vila e Concelho -e, no próprio foral, entendeu logo declarar que o fazia "de seu moto próprio poder real" e "sem que os seus moradores ou alguém lho pedissem". E, para não haver dúvidas, escrevia, ainda: "... vendo eu o grande desenvolvimento deste lugar", assim o determino. Declarou, pois, que viu com os seus próprios olhos e não curou por informações!

Além de conhecer a terra, também não ignorava as suas Instituições. Daí a seguinte carta de mercê à Misericórdia que, pela sua redacção, parece ser de deliberação pessoal do monarca:

"Dom João III, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalém-mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia e da Índia ..... : faço saber a quantos esta minha carta virem que, por parte do Provedor e confrades da Misericórdia de Sardeal me foi apresentado um meu alvará, por mim assinado, e passado por minha firma por que me prouve de fazer esmola de duas arrobas de açúcar à dita confraria e cujo teor é o seguinte:

..... "Fernão da Silva mandamos que deis à Misericórdia de Sardeal, daqui em diante, duas arrobas de açúcar em cada ano e mandamos aos contadores que no-lo levem em conta.

E mandamos a qualquer outro oficial que assim cumpra porquanto fazemos do dito açúcar esmola em cada ano".

Sabede mais que pedindo-nos o dito Provedor e Irmãos da dita confraria, por mercê, que lhe mandassem passar o dito alvará em carta porque por ser em papel andava (já) roto e maltratado e visto o seu requerimento e querendo-lhe fazer graça e mercê lhe mandei dar esta carta com o traslado do dito alvará, pelo qual mando que se cumpra e guarde como nele se contem.

O dito alvará foi feito para ser assentado em minha fazenda, no livro das esmolas.

Dada em Lisboa aos 26 de Abril de 1537'

N.

Fernando Constantino Moleirinho

## Santa Casa da Misericórdia de Sardeal

A INSTITUIÇÃO E A SUA ACTIVIDADE

Há relativamente pouco tempo saíu à luz da publicação esta obra de divulgação histórica, sobre a Santa Casa de Misericórdia do Sardeal. E da Autoria do Prof. Fernando Moleirinho, que é um sardealense de gema e de arreigada cepa nativa -e que, ao presente, até, preside aos destinos da nossa Camara Municipal.

Sendo, especificamente, um Professor do Ensino Básico (de méritos amplamente confirmados, aliás) não admira que esse seu trabalho se estribe sempre numa base documental isenta e fidedigna, tendo como veículo condutor um estilo vivo, sublimado, correntio, de onde dimanava uma sensibilidade estuante de fervor regionalista e um documentário sério de informação histórica.

O Autor teve que joeirar diversa documentação atrabiliáriamente dispersa por aqui e por além, e procurou (e conseguiu) realizar um trabalho honesto e sério, recorrendo, mesmo, a cotejos e a reverificações, sempre que pudesse existir uma dúvida ou uma hesitação interpretativa.

Com efeito, há muita falta de material informativo no Arquivo da nossa Misericórdia, porque em algumas das gerações passadas nem sempre terá havido, da parte de todas as Mesas, o cuidado elementar de resguardar e, com o devido cuidado, todos os elementos concernentes à sua História. Actualmente, no entanto, e devido à dedicação das últimas Direcções, que têm no seu seio elementos dedicadamente empenhados, está sendo cuidadosamente organizado o espólio do que resta, com o devido método e classificação. Por isso, muitos elementos dos fastos passados da nossa Santa Casa hão que ser obtidos lateralmente, quer em arquivos dos Serviços das Finanças, como em coleções de livros agrupados em diversas secções dos espólios do Estado (Registo Civil, Ministérios, Torre do Tombo) ou das dioceses da Guarda e Portalegre.

Um dos grandes méritos desta obra, agora vinda a público reside, com efeito, na originalidade e escrupulo postos na investigação e no ordenamento dos dados conhecidos e de um entrelaçamento tão natural em que o dom da comunicabilidade, de mãos dadas com a própria estruturação vocabular na exposição do tema, nos cativam logo, desde as primeiras páginas.

Este tentâmen do historial da Santa Casa foi feito, realmente, com esse escrupulo e cuidado e, se bem que possa não ter sido uma investigação de raiz sobre o decurso da facticidade desta Instituição, através dos séculos, pôde agrupar, no entanto, e muito capazmente, muitos elementos dispersos e desordenados e soube ordenar e clarificar, em seguros alicerces, com escrupulo e isenção, a sua cuidada e pesquisa integradora.

Por isso, nós, os Sardealenses, ficamos a dever um reconhecimento profundo ao Prof. Fernando Moleirinho, à arduidade do seu trabalho, às suas intenções tão bairristas -e, naturalmente e sobretudo, à sua probidade, à sua dignidade.

E porque assim é, apraz-nos registá-lo aqui, nestas breves palavras, como testemunho de muita estima e louvor!

MB.

*"Quando deres esmola,*

*que não saiba*

*a tua mão esquerda*

*o que faz a tua direita"*

# UM RECONHECIMENTO PÚBLICO

Como já ficara registado no último nº do nosso BOLETIM, a atribuição da medalha de ouro do Concelho, feita pela Camara Municipal do Sardoal à Santa Casa da Misericórdia, a propósito dos seus 490 anos ininterruptos de apoio e assistência aos mais necessitados e carecidos, foi uma festa de grande significado e alto simbolismo consagrativo.

Sucedeu, porém, que motivos de força maior (a que a própria Instituição da Misericórdia, aliás, era completamente alheia) fizeram retardar bastante a publicação dos últimos "Boletins Informativos". São precalços incontados que podem acontecer, por vezes, e para os quais a solução respectiva nem sempre é tão célere como se desejaria. Daí que, apenas agora, se faça a devida referência àquele tão importante acontecimento - com muito constrangimento nosso pelo retardamento, como bem se calcula.

É certo que todos os Jornais da região e a maioria dos órgãos de grande informação nacional dele fizeram o respectivo eco e essa notável efeméride pôde ser conhecida por toda a gente. Como quer que seja, porém, uma resenha, mesmo que breve, não poderá deixar de ser inserida nas nossas páginas. Ainda mesmo que, apenas e só, e quanto mais não fosse, como um preito devido de sentido reconhecimento.

A sessão solene foi presidida pelo nosso insigne Prelado, Senhor Dom Augusto César, o qual primeiramente celebrou a Missa dominical, na Igreja de Santa Maria da Caridade, templo que faz parte integrante do edifício da Santa Casa.

A sessão efectuou-se a seguir, perante uma assistência invulgarmente numerosa e atingiu grande brilhantismo e luzimento.

O Senhor Presidente da Camara fez uma justificação pública informando como a Camara havia entendido, em unanimidade, por um elementar acto de justiça, conceder esta condecoração à Misericórdia, e essa sua declaração, tão brilhante e sentida, foi um hino de louvor à acção da Santa Casa, ao longo de todos estes séculos, que se traduziu sempre no valimento e amparo aos desventurados sendo, tantas e tantas vezes, o único refúgio de que muitos puderam dispor para lhes valer em bem trabalhosas necessidades e privações.

A sua dissertação seria escutada com o maior interesse e atenção por toda a grande massa humana que estava presente porque a sua palavra fulgurante se animou sempre não só da chama que ilumina, não só da razão que convence mas, sobretudo, da energia que subjuga e avassala. Daí que tivesse sido delirantemente aplaudido.

Já na prática/homília da Missa o nosso eminente Prelado, escutado, igualmente, com o maior respeito e a mais viva união, se desdobrara num vasto encómio de louvor à nossa Santa Casa, tendo dado particular ênfase aos seus quase 500 anos de permanente e cuidadosa assistência e amparo a tantos e tantos milhares de necessitados que a ela haviam ocorrido em horas amargas de dificuldades e carências de toda a espécie. E, mesmo, de fome e de outras privações primárias, em muitas épocas de crise e de calamidade que passaram por esta nossa terra. E sem uma interrupção, sem um hiato, apesar de, por vezes, não ter podido contar com nenhum subsídio ou ajuda dos poderes públicos e só haver sobrevivido pela dedicada abnegação e altruísmo dos sardoalenses que, na fremência transbordante do seu baírrismo e, sobretudo, da sua Caridade, nunca deixaram que a suas portas se fechassem à minguada de recursos.

O fulgor do seu discurso, sempre tão persuasivo, eloquente, comunicativo, num harmonioso contraponto de inteligência e de sensibilidade, marcaria bem todo o seu apreço e admiração por tantos e tantos sardoalenses que, ao longo destes séculos, pelo seu coração compassivo e bondoso, mantiveram sempre generosamente aberta, de par em par, esta tão prestigiosa Instituição de Solidariedade Social da nossa terra.

Falaria em último lugar o Senhor Provedor Anacleto da Silva Baptista. A sua exposição, tão palpitante de entusiasmo e de vibração, galvanizaria toda a assistência e seria entrecortada, mesmo, aqui e ali, pela sua própria comoção pessoal. Foi, de facto, um historial cuidadosamente delineado sobre a acção da nossa Misericórdia; através das gerações passadas e, por outro lado, um apontamento, muito a propósito, das diversas valências por que se desdobra actualmente a sua acção, desde o Lar da Terceira Idade ao Centro-de-dia, da Creche e Jardim de Infância à Assistência domiciliária e a muitos outros apoios que, com tanta frequência é necessário prestar a muitos infelizes, necessitados e carecidos.

Não deixou de fazer referência, naturalmente, a apoios e subvenções que algumas entidades oficiais prometem, prometem, e vão adiando indefinidamente ou nunca cumprem, e de muita dificuldade com que a Misericórdia tem de se haver para fazer face a tantos encargos. Tem-lhe valido o coração compassivo de alguns dedicados Amigos da Instituição que generosamente vêm procurando colmatar tantas dificuldades. É extraordinário o baírrismo das nossas gentes e desses outros Bons Amigos e Beneméritos.

Da sua notável exposição permitiam-nos citar umas das frases finais: "... apesar de tantas dificuldades a Misericórdia há-de continuar sempre de portas abertas para todos os necessitados, ainda mesmo que não tenhamos mais do que um prato de sopa e uma cama para os deitar! Mas nunca ficarão na rua; a porta da SANTA CASA há -de estar sempre franca para os receber".

É um outro desabafo que ficou nos ouvidos de todos: -"o Estado, a Segurança Social, nem de perto nem de longe estão a cumprir com aquilo que prometeram a estas Instituições". Nem de perto, nem de longe!...

MJB

## Visitas ao LAR

TODOS OS DIAS:

Das 14.15 às 15.45 h.

e

entre as 17.00 e as 17.45 h.

**TEMA DE  
REFLEXÃO**

**Quem é bom  
perdoa os erros;**

**quem ama  
não deixa errar!**

**boletim informativo** da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia - 2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88